

DESEMPENHO E ATIVIDADE EXTRAESCOLAR: NOVAS DESIGUALDADES?

Simone Grace de Paula – FCH/FUMEC/Membro do PRODOC/FAE/UFMG e do Observatório da Juventude da FAE/UFMG

Este trabalho tem origem em pesquisa desenvolvida com a intenção de compreender as desigualdades escolares¹ que envolvem a escolarização do novo público que tem tido acesso ao Ensino Médio. O problema que se coloca é que a abertura deste nível para as camadas populares não tem representado a permanência e o sucesso escolar dos mesmos. O atual quadro revela altos índices de evasão e repetência escolar. O abandono escolar dos jovens no decorrer do ensino médio pode estar relacionado à exclusão, durante o processo de escolarização, ao conhecimento bem como de ações governamentais e escolares que garantissem esse acesso; falta de apoio escolar ao estudante que apresenta dificuldades escolares que, geralmente, são previstas nas políticas de correção de fluxo escolar que prioritariamente têm focalizado o Ensino Fundamental e, nem sempre, colocadas em prática no espaço escolar; necessidade de trabalho e as próprias condições de vida de jovens pobres que necessitariam de medidas de redistribuição de recursos (CAILLODS, 2008), entre outras. Ou seja, é um problema complexo que ultrapassa os muros da escola e o sistema escolar (ARROYO, 2000).

A recente expansão do Ensino Médio provoca questionamentos em relação aos sucessos e fracassos do novo público na apropriação dos conhecimentos escolares. As diferentes classes têm diferentes relações com o saber escolar, o que pode favorecer a apropriação do conhecimento escolar mas não a predetermina. “A posição que a criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar. Ela produz efeitos indiretos, e não determinantes” (Charlot, 2005, p. 49). Não se trata de determinismo, porque algumas crianças e jovens de classes populares têm sucesso, encontra outras, de classe média, fracassam; mas com certeza há “[...] correlação estatística entre a origem social do aluno e o fato de ser bem sucedido ou fracassado na escola. Isso significa que devemos combater a desigualdade social frente à escola” (Op. cit, 2005, p. 25). As relações com o saber são marcadas pela história individual dos sujeitos, por suas decisões e escolhas,

¹ A desigualdade é compreendida como a repartição de vantagens e recursos. As desigualdades são essencialmente sociais visto que estão ligadas a processos de estratificação através dos quais pessoas são classificadas em categorias, como por exemplo, classe, cor/raça, sexo, nível de instrução. (JOHNSON, 1997)

até mesmo inconscientes, e ao mesmo tempo por processos sociais, estando, portanto, articuladas às condições sociais dos estudantes.

O tema do fracasso escolar aponta para as relações entre escola e exclusão visto que os diversos ‘efeitos’ escolares remetem à própria ação da instituição de ensino. Embora estes efeitos não sejam a única causa da exclusão, é importante considerá-los para compreender o papel da escola nos mecanismos de reprodução das desigualdades. Outro aspecto, apontado por Dubet (2003) seria a consideração da escola e de seus professores de que os pais são capazes de orientar seus filhos e ajudá-los ou apoiá-los no cumprimento das atividades extras ou de casa.

Essas considerações nos possibilitam levantar as seguintes questões que orientaram nossa investigação: a) os jovens estudantes do Ensino Médio têm apoio para realização de tarefas extraescolares? b) os jovens estudantes percebem interesse de seus familiares na sua vida escolar? Para cumprir tal propósito, traremos para esta análise dados parciais da pesquisa qualitativa² realizada entre os anos de 2010 e 2011 em uma escola pública de ensino médio, no turno matutino, localizada na região norte³ de Belo Horizonte. Os procedimentos de coleta de dados foram a observação de 2 salas de aulas (turmas do 1º e 3º ano), entrevistas estruturadas individuais (262 alunos), no intuito de traçar o perfil dos novos sujeitos que freqüentam o ensino médio, as relações com o saber escolar e o desempenho escolar deles.

Na tradição pedagógica, as tarefas extraescolares e a expectativa do acompanhamento dos pais são parte da rotina na ação educativa dos professores. Poucas vezes se questiona as repercussões dessas práticas para o sucesso escolar dos jovens estudantes de camadas populares, supondo-se que há disponibilidade para a realização das mesmas. Temos a hipótese de que as tarefas extraescolares possam estar trazendo bastantes desafios aos jovens que podem ter ou não apoio na aprendizagem dos conteúdos curriculares fora da escola de Ensino Médio o que pode ser um mecanismo de reprodução das desigualdades econômicas e de acesso ao conhecimento escolar.

² Pesquisa quantitativa e qualitativa.

³ A Região Norte encontra-se diante de duas situações conflitantes: bairros com infra-estrutura urbana e habitados por grupos de maior poder aquisitivo contrastam com bairros e vilas habitados por uma população empobrecida, com condições mínimas de moradia.

1. Breve perfil dos jovens estudantes do Ensino Médio

A instituição escolar na qual a pesquisa foi realizada pertence à rede estadual de ensino, funciona em três turnos, possui aproximadamente 1.920 estudantes e 72 professores. O estudo foi realizado no turno da manhã no qual trabalham aproximadamente 21 professores lecionavam em 16 turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio. Nesse turno, o número de alunos no ano de 2010, pelos registros da secretaria escolar, era de 606 matrículas, sendo que 318 no primeiro ano, 180 no segundo e 109 no terceiro. Verificamos que 448 estavam freqüentes no mês de outubro: 223 do primeiro ano; 136 do segundo e 89 do terceiro. Destes, fizeram parte da amostragem na aplicação de entrevista estruturada, 262, alunos. Vejamos o perfil dos jovens estudantes do turno matutino distribuídos pelas turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio que responderam à entrevista estruturada individual.

A idade dos jovens entrevistados varia de 14 a 22 anos, estando a maior concentração na faixa etária de 15 a 17 anos, com 80,15% das respostas. Quarenta e nove alunos estão com idade acima daquela esperada para a conclusão do Ensino Médio, correspondendo a 18,7%, e 3 estão aquém desta, com 14 anos, correspondendo a 1,15%. Verifica-se que quase 20% dos estudantes têm idade superior à esperada e possivelmente já passaram por experiências de reprovação e/ou abandono. A maioria dos estudantes está no primeiro momento da juventude – são adolescentes - o que traz especificidades devido à proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e à participação em políticas específicas, como o Bolsa Escola. Parte significativa deles constituem uma parcela da população juvenil que tem tido maiores oportunidades educacionais - eles já são uma elite.

A juventude é uma etapa da vida que se encontra entre a infância e a fase adulta. Possui diferenciações internas como, por exemplo, a própria coorte de idades. Os mais jovens (com idade entre 12 e 15 anos) apresentam características e vivências bastante diferenciadas daqueles com mais idade (de 20 a 29 anos). O período da juventude é marcado por dois momentos: a adolescência, como primeira fase e a juventude propriamente dita, referindo-se à fase posterior, de construção de trajetórias de entrada na vida social. Essa distinção contribui para o aprimoramento do conhecimento sobre os jovens, descobrindo as demandas, interesses e necessidades de cada momento (CORTI e SOUZA, 2005).

Quanto ao sexo, dos alunos pesquisados na Escola Buganvília, 58,8% são mulheres e 41,2% são homens. Verifica-se um maior percentual de jovens do feminino como estudantes do diurno, indicando que as mulheres tem tido maior longevidade educacional. A autodeclaração de cor/raça pelos jovens entrevistados revelou que 32,06% declararam-se brancos e 62,97% negros (41,98% como pardos e 20,99% como pretos). Em percentual bem menor estão aqueles que se autodeclararam amarelos (2,67%) e indígenas (1,53%). Já 0,76% dos jovens que compõem a amostra disseram não saber sua cor. A autodeclaração de cor/raça manifestou um significativo pertencimento à parda e à preta o que pode ser efeito das ações afirmativas e do próprio reconhecimento de si como negro.

A classe econômica dos jovens na Escola Buganvília foi investigada segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), que se diferencia da classe social visto que divide a população segundo padrões ou potenciais de consumo. A classificação socioeconômica da população é apresentada por meio de cinco⁴ classes, denominadas A, B, C, D e E. Fizemos a distribuição dos alunos por classe econômica. As classes C1 (34,73%), com 91, e B2 (38,17%) com 100 dos 262 estudantes da amostragem, são aquelas mais representadas, revelando que a maior parte dos alunos (72,19%) compartilhava de condições econômicas semelhantes, isto é, a renda média bruta familiar está próxima dos valores de R\$2.327,00 (para B2) e R\$1.391,00 (para C1). Embora diferenças econômicas existam, percebe-se que a maioria do grupo de alunos possui certa proximidade quanto ao poder de compra. Contudo, os extremos (A e D) revelaram a desigualdade econômica familiar dos jovens presentes no espaço escolar, o que sugere um relativo desafio para a escola.

O capital cultural da família foi apreendido pela escolaridade dos pais, quantidade de livros existentes na residência do jovem e o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, com prioridade para o acesso ao computador e à internet. A escolaridade dos pais dos jovens entrevistados revelou grande diferenciação: foram encontrados pais analfabetos e pós-graduados. Um percentual de 11,45% das mães e 9,18% dos pais têm curso superior (completo, incompleto ou pós-graduação), enquanto 11,07% das mães e 11,45 % dos pais possuem até a quarta série do Ensino Fundamental. Em 2,67% dos casos, ambos os progenitores não estudaram.

⁴ Como o estudo foi realizado antes das alterações no critério efetuadas em abril de 2011, utilizamos a pontuação de 2008 que considerava a renda média familiar (valor bruto em R\$): A1 – R\$14.366,00; A2 – R\$8.099,00; B1 - R\$4.558,00; B2 R\$2.327,00; C1 R\$1.391,00; C2 R\$933,00; D R\$618,00 e E R\$403,00.

É interessante verificar que ao agregarmos todas as escolaridades inferiores ao Ensino Médio completo, temos que 59,92 % das mães⁵ e 48,85 % dos pais não concluíram o Ensino Médio e seus filhos, na grande maioria, superarão a escolaridade deles.

Outra dimensão investigada foi a quantidade de livros que os alunos possuem em casa, além dos escolares, pois este fator retrata a situação socioeconômica e o capital cultural dos jovens e de suas famílias. A desigualdade sócio-cultural entre as famílias dos alunos da Escola Buganvília pode ser dimensionada também por estes dados. Procuramos estabelecer relação entre a posse de livros e a classe econômica. Foi possível perceber que quanto maior o poder aquisitivo maior a posse de livros em casa. Destacamos o fato de os estudantes da classe C2/D serem os que mais responderam não possuir nenhum livro em casa (5,56%) ou possuí-los na menor quantidade dentre as opções (72,22%), de 1 a 20 livros. Estes dados fazem supor que, apesar de todas as restrições, a classe mais empobrecida parece valorizar a posse de livros.

Durante a entrevista estruturada, questionamos os estudantes sobre a utilização do computador, a frequência e o local de acesso e a principal atividade que realizam. Ao se perguntar para os jovens se sabiam utilizar um computador, 98,47% responderam afirmativamente. Dos 262 jovens alunos, somente 4 (1,53%) não utilizam o computador. Dentre os que sabem utilizá-lo, somente 1,16% não tem acesso à internet. Todos os demais acessam com frequências variadas: 68,22%, diariamente e 7,36% de segunda a sexta-feira, somando um total de 75,58% que tem um considerável acesso à internet. Já 8,53% dos jovens acessam somente nos fins de semana e 14,73% acessam raramente.

A constatação de que quase 70% dos jovens conectam-se à internet diariamente revela o possível impacto desse artefato na experiência destes no cotidiano escolar, ao se constatar que a maioria está mais inserida na rede, contra uma minoria não inserida. Este pode ser mais um desafio para a instituição escolar: interagir e ensinar a perfis diferenciados de jovens um tipo de comportamento e de percepção de mundo visto que a internet é espaço de produção de conhecimento e de culturas (GARBIN, 2009).

Quando questionados sobre o local onde acessam a internet, a maioria respondeu que o faz na própria residência (77,82%), na casa de parentes, amigos, namorado ou

⁵ A escolaridade da mãe foi utilizada como critério para a distribuição dos alunos por classe econômica, embora conforme critérios de classificação econômica Brasil, a base de cálculo é o grau de instrução do chefe da família. A substituição deu-se pelo fato de os jovens terem maior conhecimento da escolaridade da mãe do que do pai, devido as diferentes configurações familiares.

namorada e vizinhos (6,62%), somando um total de 84,44% para os que acessam em moradias. Um percentual de 10,51% acessam em *lan houses*, 1,17% no trabalho e 3,11% em outros locais, tais como trabalho da mãe, cursos e escolas em que já haviam estudado e continuavam frequentando para participarem dos projetos de inclusão digital. A escola que observamos não é um espaço de acesso à internet.

Solicitamos que os jovens dissessem o que fazem prioritariamente na internet e citassem somente aquilo que mais fazem. A maioria dos jovens da Escola Buganvília afirmou navegar em sites de relacionamentos (68,48%), sendo os mais citados MSN, Orkut, Twitter e Facebook. Foi considerável o percentual de jovens que utilizam a internet prioritariamente para realizar pesquisas escolares (21%). Aqueles que prioritariamente jogam, acessam sites de notícias e visitam blogs somam 8,17%. Observamos que há uma concentração na utilização da internet para comunicação com outras pessoas, apesar de um percentual significativo referir-se às pesquisas escolares, acesso a informação e atividade de lazer, através de jogos.

2 A escola fora da escola: as atividades extraescolares

A noção de trabalho escolar muda ao longo da história da educação e mostra o deslocamento progressivo do trabalho efetivo do estudante na sala de aula para as os deveres de casa, realizados fora do ambiente escolar. O Liceu francês⁶ no qual o Brasil se inspirou para criar as primeiras escolas secundárias brasileiras, entre elas, o Colégio Pedro II⁷ um padrão destinado somente a uma elite masculina. A organização do tempo escolar francês no Ensino Médio, em regime de internato, era de três ou quatro horas de curso garantido por um professor mais três a quatro horas de estudo sob a batuta de um explicador. Com a implantação do regime de externato permaneceu somente a figura do professor, acompanhado pelo desaparecimento progressivo das “salas de estudos”. Essa diminuição do tempo de estudos na escola constituirá “[...] uma verdadeira transferência de responsabilidade para as famílias” (RAYOU e RIPOCHE, 2011 p. 195) e será acompanhada de nova missão dos professores que, antes vistos como transmissores do conhecimento, passam a ser encarregados de ajudar o aluno a aprender. O tempo do professor na sala de aula abrange a orientação dos estudos e não apenas o ensino, o que

⁶ Criado em 1802, por Napoleão Bonaparte.

⁷ Criado em 1838, por Bernardo Pereira de Vasconcelos, inspirado no exemplo dos colégios franceses (HAIDAR, 2008)

exige uma adaptação do docente e do aluno. As atividades extra-escolares, os deveres de casa, envolvem tanto atividades de fixação e revisão dos conteúdos como pesquisas e outras atividades que estimulam a autonomia do estudante.

O tempo de estudo no Liceu sob a batuta do explicador foi externalizado e transferido para a coordenação das famílias. A responsabilização das famílias tende a ser mais desfavorável para as classes populares, devido aos acessos diferenciados aos recursos (tanto físicos quanto humanos) que possibilitem o acompanhamento escolar dos estudantes. A necessidade de sanar dúvidas e intervir nas dificuldades de compreensão do conteúdo pelo jovem pode exigir mais do que o nível escolar dos familiares permita, ou seja, há o limite da escolaridade dos membros da própria família e de pessoas próximas, como vizinhos, primos e amigos. No período de observação de campo, verificamos a tensão provocada por um trabalho da disciplina de física, que consistia em resolver exercícios sobre velocidade no livro didático. Os estudantes tiveram dificuldades para solucionar as questões ou mesmo de encontrar o conteúdo no próprio caderno. Nesse caso, mesmo que o jovem empreenda todos os esforços, caso não consiga alguém que domine o conteúdo para auxiliá-lo tudo terá sido em vão. Isso pode trazer um sentimento penoso de injustiça pela distância entre os esforços empreendidos e os resultados alcançados no desempenho escolar. “O trabalho fora da sala de aula supõe uma autonomia que, para os novos públicos escolares, não é construída, muitas vezes, nas famílias nem paradoxalmente, na escola” (RAYOU e RIPOCHE, 2011, p. 195). Nesse sentido, a escola e seus professores imaginam que o jovem de 15 a 17 anos já tem autonomia para solucionar suas dificuldades ou manifestá-las ao professor, solicitando ajuda, o que nos pareceu, pelas observações de campo, que nem sempre acontece.

As tarefas extraescolares são vistas por Barbosa (2009), em pesquisa desenvolvida com crianças que freqüentam o Ensino Fundamental, como uma das categorias que compõem o capital social⁸ das famílias e reflete os efeitos da organização familiar sobre a criança na escola. O capital social “expressa o tempo e a atenção que os pais usam para interação com os filhos, o monitoramento de suas atividades, promovendo seu bem-estar e o seu desempenho escolar” (BARBOSA, 2009, p. 75).

⁸ O capital social permite associar a dinâmica demográfica e o desempenho escolar; ele engloba algumas dimensões importantes: número de filhos, estabilidade na relação dos pais, tempo de trabalho da mãe, famílias monoparentais, expectativas familiares, entre outros.

A expectativa dos professores sobre o acompanhamento escolar dos familiares aos jovens que frequentam o Ensino Médio pode ser constatada durante os trabalhos de campo. A constatação da permanência dessa expectativa nos instigou a questionar os jovens sobre sua percepção sobre essa situação. Na realização das entrevistas individuais feitas com os jovens estudantes da Escola Buganvília buscamos estabelecer relações entre ajuda nas tarefas escolares e desempenho⁹. Questionamos sobre a quem o jovem recorria quando necessitava de ajuda nas tarefas escolares, formulando a questão de forma mais ampla, pois supúnhamos que, por terem idade maior que 15 anos, os pais nem sempre os acompanhariam nas tarefas escolares, como geralmente o fazem quando os filhos são pequenos.

Apresentamos o desempenho escolar dos alunos da Escola Buganvília nas três áreas de conhecimento¹⁰, durante o ano letivo de 2010, por série cursada. De maneira geral, é possível verificar, na TAB. 01 – apêndice I, que os jovens que apresentam melhores resultados no nível recomendável¹¹, em todas as áreas, recorrem à ajuda da internet (60,42% na área 1, 70,83% na área 2 e 60, 42% na área 3) e aos amigos (de sala ou vizinho), que se destacam como uma segunda estratégia eficiente para levá-los ao nível recomendável. A procura de ajuda na realização das tarefas escolares pode estar relacionada à pontuação atribuída ao caderno completo (incluindo a realização das atividades extra-escolares) como norma avaliativa da escola pesquisada. No período de observação, verificamos que alguns alunos copiam o trabalho de outros colegas ou, ao final do ano, apresentam as atividades de outros alunos que já foram aprovados.

Os dados, então, estariam sugerindo mudanças nas práticas e estratégias dentro e fora da escola. Esse fato resulta em outras explicações para o sucesso escolar do aluno: utilizar a internet para realização de tarefas escolares e recorrer à ajuda dos amigos. Essas duas variáveis parecem ter um efeito mais importante sobre os resultados escolares do que procurar ajuda com a mãe. Devemos destacar que é entre o grupo de alunos que procuram suas mães para ajudá-los com as atividades escolares que se

⁹ O desempenho escolar foi levantado pelas notas dos estudantes que se referem aos créditos alcançados durante o ano letivo. Não consideramos a recuperação final.

¹⁰ Área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias na qual estão incluídas as disciplinas de matemática, biologia, química e física. Na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias estão incluídas as disciplinas de sociologia, filosofia, geografia e história. Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, na qual estão incluídas as disciplinas de português, língua estrangeira (inglês) e arte.

¹¹ Os resultados escolares dos estudantes da Escola Buganvília no ano de 2010 foram classificados em baixo, intermediário e recomendável. Tivemos como referência a classificação do PROEB/SIMAVE, apresentado no primeiro capítulo deste trabalho e estabelecemos a pontuação de 0 a 54 (baixo) 54 a 64 (intermediário) e 65 a 100 (recomendável).

encontram as maiores porcentagens de jovens que não ultrapassam o nível baixo (18,97% na Área 1, 15,52% na Área 2 e 25,52% na Área 3). Na área das Ciências Naturais, Matemática e suas Tecnologias, essa proporção de alunos com nível baixo é quase igual àquela encontrada entre os alunos que não procuram ajuda (19,05%). Já na área das Ciências Humanas e suas Tecnologias a proporção de jovens no nível entre os que procuram a ajuda da mãe é superior em relação àqueles que não procuram ajuda (9,16%). Por último, quando se considera a Área 3 (Linguagem, Códigos e suas Tecnologias) o nível de alunos com rendimento baixo é 11,74% menor entre os que não pedem ajuda.

A ajuda da mãe em todas as séries não garante melhoria no desempenho escolar. Se esta é a “primeira geração” a cursar o Ensino Médio, o jovem poderá contar com quem para ajudá-lo? Esta parece ser uma das dificuldades encontradas por eles, que pode repercutir nos baixos desempenhos e altos índices de abandono. Esse fato demonstra, ainda, que os pais, sobretudo as mães, longe de não estarem interessados pela vida escolar dos filhos, passam, apesar de seu sentimento de incompetência, mais tempo atualmente tentando ajudá-los (GOUYON, 2004 apud RAYOU e RIPOCHE, 2011), e quando têm condições financeiras contratam serviços externos¹² - aulas particulares, acompanhamentos escolares, psicopedagogos, entre outros profissionais prestadores de serviços privados, aliás mercado crescente de parceiros cada vez mais ativos no trabalho fora da escola.

A ajuda externa ao estudante, independente da pessoa que o auxiliará, pode gerar conflitos e tensões em relação à forma de explicar (será igual ou diferente ao que o professor falou? Estou ajudando ou confundindo? Devo deixar o jovem estudar sozinho?). Às vezes o estudante pode se sentir oprimido e pressionado pelos familiares em relação ao trabalho fora de casa. Os professores podem desconsiderar os esforços dos jovens ao chegarem sem a resposta correta da atividade ou, até mesmo, se sentir não responsabilizado com a aprendizagem do estudante. Talvez a atividade fora da classe possa estar trazendo bastantes desafios tanto aos professores quanto aos alunos, mas sobretudo aos jovens que não têm uma pessoa que possa apoiar-lhes e trazer-lhes segurança na resolução de suas dificuldades. Assim, as tarefas extra-escolares podem ser mecanismos sutis de reprodução das desigualdades econômicas e de acesso ao

¹² Na categoria outros da tabela, foram citados pelos entrevistados: professor(a) particular (2), namorado(a) (3), patroa, monitoria do pré-vestibular (2), madrinha (1), irmão(ã) gêmeo(a) (2), bibliotecário da escola onde fez o Ensino Fundamental (1).

conhecimento escolar, visto que pesquisas (COOPER et al, 2006) evidenciam o efeito positivo do trabalho fora de aula sobre o êxito do estudante, mas não questionam se “[...] os estudantes obtêm mais sucesso graças ao trabalho fora de sala ou se fazem estes trabalhos por serem bons alunos” (RAYOU e RIPOCHE, 2011 p.197). Além de contribuir para a consolidação de aprendizagens, segundo esses autores as tarefas desenvolvem competências mais gerais transferíveis para outras disciplinas ou disposições para atividades intelectuais mobilizáveis em momentos decisivos da trajetória escolar. “O dever de casa inscreve-se, assim, em uma cadeia de práticas diferenciadoras que aumentam ou diminuem as possibilidades de sucesso” (RAYOU e RIPOCHE, 2011 p.197).

Dada a importância das tarefas fora da sala para o sucesso escolar dos estudantes, buscamos compreender melhor os deveres de casa, a ajuda da “internet” e o apoio extraescolar. Na entrevista individual feita com os jovens no período de observação perguntamos se eles faziam os deveres de casa, e cerca 94,66% responderam positivamente. Nas observações de aulas percebemos que os jovens do primeiro ano apresentavam o dever para o professor pronto, mas muitas vezes copiavam dos colegas da sala. Como exemplo, observamos em uma aula de Português do primeiro ano do EM: somente cinco alunos da sala 102, dentre 34, haviam realizado a atividade em casa. Os outros ou fizeram no horário vago ou copiaram. Na sala do terceiro ano o comportamento dos estudantes com relação às tarefas de casa é diferenciado – a maioria traz a atividade pronta, e alguns copiam próximo ao horário da aula na qual foi solicitada a atividade. Pareceu-nos que os estudantes do terceiro ano já incorporaram a norma escolar e os do primeiro ainda estão se aproximando dela.

A internet como resposta dos estudantes sobre quem os ajudava nas tarefas de casa foi a mais surpreendente, pois esperávamos uma pessoa. A internet pode ser tanto um lugar de pesquisa quanto de cópia de trabalhos, e não questionamos todos os estudantes sobre como eles a utilizavam, mas se a internet for considerada como lugar de pesquisa o dado pode sugerir certa autonomia para resolver os problemas escolares. Como a internet estava aparecendo como variável recorrente, questionamos uma aluna do terceiro ano sobre a forma de utilização, obtendo a seguinte explicação, “por exemplo, se não entendi a matéria de química, vou até a internet e encontro vídeos de aula daquela matéria. Vejo muitas vezes, até compreender.”(aluna Isabella, 301, 2010) Ela nos explicou que as aulas disponíveis em alguns sites são bastante explicativas, com

ilustrações que facilitavam a compreensão do conteúdo. De certa forma podem substituir uma aula particular.

Outras respostas que demonstram iniciativa dos jovens para resolver as dificuldades constituem sua rede de relacionamentos: parentes, professores particulares, patroa, monitores de pré-vestibular e até mesmo pessoas com as quais estabeleceram vínculos no Ensino Fundamental, como o caso do estudante recorrer à bibliotecária da escola em que estudou anteriormente. Muitos alunos têm certos professores como referência, como principal mediador da sua relação com o conteúdo; eles mantêm esse vínculo com o docente e afirmam buscar ajuda com eles.

Investigamos a escolaridade das pessoas que ajudam nas tarefas de casa ou nas dificuldades dos jovens. Pudemos observar que 22% das mães¹³ ajudam os filhos nas atividades escolares, mas entre estas 62,07% têm escolaridade igual ou maior que os filhos (TAB. 03 – apêndice). Os jovens, quando pedem ajuda para outros, buscam pessoas com escolaridade maior ou igual à deles (60,78%). Apenas 17,24% das mães dos jovens e 18,62% das pessoas que os jovens procuram têm escolaridade maior que a deles, o que de certa forma parece óbvio, ao lembrarmos que parte desses jovens é a primeira geração a completar o Ensino Médio. Os dados apontam, assim, que a escolaridade é um fator importante na busca de ajuda para realização das atividades escolares. Isso nos sugere que os jovens buscam ajuda para aprender o conteúdo ou pelo menos cumprir a norma escolar, e que encontrar alguém que saiba mais do que ele entre a família não é fácil. Aqueles que citam tios e tias, madrinhas, pai e mãe estão recorrendo, geralmente, à geração mais velha e provavelmente não representam a primeira geração a concluir o Ensino Médio. Os que se referem a colegas de sala, vizinhos, irmãos, primos, buscam pessoas da sua própria geração que estão um pouco mais à frente, o que traz confiança na capacidade da pessoa contribuir para a compreensão dos conteúdos escolares.

No ponto de vista dos jovens, as pessoas que os acompanham no espaço escolar não se preocupam somente com o alcance de um diploma escolar, mas com o desempenho escolar e a socialização dos mesmos (quem são as pessoas com as quais convivem e o ambiente escolar). Estudos sobre as relações entre famílias e escolas

¹³ Ajuda nas atividades escolares: outra pessoa 75,77% e mãe 24,23%. O acompanhamento escolar dos estudantes, outra pessoa: 83,82% e a mãe: 16,18%. A média agregando a ajuda e o acompanhamento, outra pessoa: 77,86 e a mãe: 22,14%.

mostram que os pais preocupam-se com os aspectos apontados e com a segurança do estabelecimento no qual matriculam o filho (POUPEAU, 2011).

A conclusão do Ensino Médio parece ser algo valorizado pelos familiares, como apreendemos das narrativas dos jovens durante a realização das entrevistas estruturadas individuais. Em 96,56% dos casos há alguém que acompanha a vida escolar dos mesmos. A maioria dos jovens disse que o motivo deste interesse era a preocupação com o futuro ou com as notas. Em menor percentagem estão aqueles que disseram ser para buscar o boletim, devido ao programa Bolsa Família. Em apenas um caso o jovem afirmou ser quando a escola manda chamá-la.

Interessou-nos conhecer o investimento escolar dos pais ou responsáveis no filho, na busca de apreender suas possíveis expectativas em relação à escolarização dos mesmos. Os dados coletados mostraram que os investimentos dos pais nos alunos do Ensino Médio poderiam estar relacionados mais ao mercado de trabalho do que à escola. Ao termos como referência o total de jovens que compõem a amostra (262), notamos que mais de 60% dos alunos participaram de algum curso, geralmente relacionado ao setor e serviços tais como recepcionista, atendente, marketing. Já cursos relacionados ao universo escolar foram freqüentados por poucos alunos: apenas 19,47% dos entrevistados disseram ter participado de cursos de língua estrangeira e 9,54% fizeram curso preparatório para Centro Federal de Educação de Minas Gerais (CEFET) ou Colégio Técnico da UFMG (COLTEC). O principal investimento na área da escolarização tem sido as aulas particulares, contudo apenas 34,88% dos alunos disseram ter participado desse tipo de aula. Os estudantes que investiram em cursos pré-vestibulares (4,96% do total de 262 jovens) cursam o terceiro ano. Se considerarmos que a amostragem desta série é composta por 52 jovens estes representam 25%. O que nos possibilita afirmar que os investimentos familiares apontaram em duas direções: o mercado de trabalho e o prosseguimento dos estudos.

O investimento familiar em estudantes de uma escola pública é bastante significativo e revela o desafio que a expansão do Ensino Médio, com a abertura da escola para as camadas populares, tem colocado não somente para a escola, mas também para os pais e os responsáveis. A procura por apoio fora da escola pode ser manifestação da mobilização dos pais frente às atividades escolares e ao mercado de trabalho, que acentuou as exigências de qualificação para alcançar melhores postos de trabalho. Nesse contexto, tem se desenvolvido na periferia da escola diversas ofertas de apoio aos jovens estudantes do Ensino Médio em seu trabalho escolar (GLASMAN,

2011). Dois tipos de apoio são oferecidos: cursos particulares ou acompanhamento escolar, propostos por empresas especializadas que comercializam serviços educacionais e todos os dispositivos associativos ou públicos que propõe gratuitamente um acompanhamento escolar.

Diante dessa situação é possível inferir que nem todos os jovens e seus familiares têm acesso a esses recursos. Primeiro pelo próprio desconhecimento da oferta de alguns serviços, pagos ou gratuitos, e segundo porque os jovens das camadas populares podem ter mais dificuldades de se beneficiar do apoio pedagógico, principalmente quando este é pago. Assim terão também menos chances de ter um acompanhamento mais individualizado e, ainda, de acesso a diferentes tipos de ofertas de serviços. Há aquelas que são focalizadas na resolução dos deveres de casa e outras com maior abertura para a cultura, que tendem a contribuir para uma formação que inclui a ampliação do vocabulário, a relação com a linguagem e o despertar do interesse para a cultura. Assim, “[...] os conteúdos das atividades propostas não é idêntico e é, desigualmente fecundo, em termos de resultados escolares” (GLASMAN, 2011, p. 41).

Outra questão colocada pela autora é a do saber e do modo de aprender favorecidos por esses dispositivos. Há serviços focalizados no saber-fazer para passar nas provas, que oferecem macetes úteis para ganhar tempo e compreensão do que é solicitado, ou seja, fazem parte do aprendizado mas não podem se resumir a isto. Outras ofertas de apoio escolar têm centralidade na apropriação do saber, sua investigação e seus sentidos. Nos dois casos, “[...] paira a sombra de um utilitarismo escolar que dá prioridade a receitas e à conformidade, em detrimento dos saberes” (GLASMAN, 2011, p. 41). A necessidade de recorrer à “escola fora da escola” e o desenvolvimento desses recursos com a abertura da escola para as classes populares, principalmente nos últimos 20 anos, nos indicam que “[...] seja cada vez mais necessário criar algo além da escola para que esta seja bem-sucedida.” (GLASMAN, 2011, p. 42)

Considerações Finais

Diferentemente do senso comum, identificamos o interesse das famílias no acompanhamento escolar dos jovens revelados no acompanhamento do processo de escolarização, dos investimentos familiares e no desejo de prosseguimento de estudos no ensino superior. Verificamos que aprender no ensino médio exige mais do que do que estar na escola, é necessário tempo de estudo extra, muitas vezes com apoio escolar

de serviços fora da escola, privados e/ou públicos, presenciais ou a distância (via internet, gratuitos ou pagos). As tarefas extraescolares constituem desafios para os jovens de camadas populares que podem não contar com familiares de nível de escolarização superior ao seu para solucionar dificuldades de compreensão dos conteúdos escolares. Nesse sentido, as tarefas extraescolares podem ser mecanismos sutis de reprodução das desigualdades econômicas e de acesso ao conhecimento escolar visto o efeito positivo do trabalho fora da escola sobre o êxito dos estudantes.

Esta nova desigualdade escolar se manifestou nos desiguais acessos a recursos ou serviços de apoio escolar visto que os investimentos familiares e as ofertas de apoio pedagógico ou acompanhamento escolar aos jovens de ensino médio, tanto feito por empresas comerciais quanto serviços gratuitos, nem sempre são acessíveis a todos os estudantes da escola pesquisada. A compreensão dessa situação nos possibilitará contribuir para a garantia do “direito à aprendizagem” e ao acesso aos saberes escolares.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. *Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos*. Em Aberto. Brasília, v. 17, n. 71, janeiro de 2000.

BARBOSA, M. Lígia. O. *Desigualdade e Desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira*. BH: Argumentum, 2009

CAILLODS, F. La lucha contra el fracaso escolar en los países desarrollados. Qué es el impacto de las políticas? In: FANFANI, E. T. *Nuevos temas em la agenda de política educativa*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação de professores e globalização*. Porto Alegre, Artmed, 2005

CORTI, A.P.; SOUZA, R. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: 2005, p.224.

COOPER, H; CIVEY ROBINSON, J. & PATAL, A. E. Does homework improve academic achievement? A synthesis of research 1987-2003. *Review of Educational Research*, vol. 76, n. 1, 2006, p. 1-62.

DUBET, François. A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 119, p.29-45 jul. 2003

GLASMAN, D. Apoio fora da escola. In: VAN ZANTEN, A. (Coord). *Dicionário de Educação*. RJ/Petrópolis: Vozes, 2011. (p.705- 708)

GOUYON, M. L'aide aux devoirs apportée de parents. Insee Première, 996, 2004.

Haidar, M. L. M. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 272.

JOHNSON, A. G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

POUPEAU, F. Escolhas escolares das famílias. In: VAN ZANTEN, A. (Coord) *Dicionário de Educação*. RJ/Petrópolis: Vozes, 2011. (p.705- 708)

RAYOU, P. e RIPOCHE, L. Dever de casa. In: In: VAN ZANTEN, A. (Coord). *Dicionário de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2011. (p. 195-197)

Apêndice I - Tabela 01 – Desempenho escolar (todos os anos do Ensino Médio) x Ajuda nas atividades escolares

Desempenho	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias					Total (%)
	Outra pessoa (%)	A mãe (%)	A internet (%)	Amigos (da sala ou vizinhos) (%)	Não procura ajuda (%)	
Baixo	13,48	18,97	8,33	8,70	19,05	13,36
Intermediário	38,20	46,55	31,25	34,78	38,10	38,17
Recomendável	48,31	34,48	60,42	56,52	42,86	48,47
Total	100	100	100	100	100	100
	89	58	48	46	21	262

Desempenho	Ciências Humanas e suas Tecnologias					Total (%)
	Outra pessoa (%)	A mãe (%)	A internet (%)	Amigos (da sala ou vizinhos) (%)	Não procura ajuda (%)	
Baixo	6,74	15,52	10,42	4,35	9,52	9,16
Intermediário	24,72	36,21	18,75	36,96	42,86	29,77
Recomendável	68,54	48,28	70,83	58,70	47,62	61,07
Total	100	100	100	100	100	100
	89	58	48	46	21	262

Desempenho	Linguagem, Códigos e suas Tecnologias					Total (%)
	Outra pessoa (%)	A mãe (%)	A internet (%)	Amigos (da sala ou vizinhos) (%)	Não procura ajuda (%)	
Baixo	11,24	25,86	12,50	6,52	14,29	14,12
Intermediário	42,70	27,59	27,08	52,17	52,38	38,93
Recomendável	46,07	46,55	60,42	41,30	33,33	46,95
Total	100	100	100	100	100	100
	89	58	48	46	21	262

Fonte: Entrevista estruturada feita com os jovens alunos da escola pesquisada entre novembro e dezembro de 2010 e dados obtidos na documentação escolar em janeiro de 2011.

Apêndice III, TABELA 03 – Ajuda nas atividades escolares x escolaridade da pessoa que ajuda nas atividades escolares

Qual é a escolaridade da pessoa que lhe ajuda com as atividades escolares?	Ajuda nas atividades escolares		
	Mãe	Outras pessoas	Total
Superior completo	12,07	12,25	12,21
Superior incompleto	5,17	6,37	6,11
Ensino Médio completo	37,93	15,20	20,23
Ensino Médio incompleto	6,90	26,96	22,52
Ensino Fundamental completo (terminou a 8ª série)	13,79	2,45	4,96
De 5º à 7º série do Ensino Fundamental	17,24	0,98	4,58
Até a 4º série do Ensino Fundamental	5,17	0,49	1,53
Nunca estudou	-	0,49	0,38
Internet	-	33,33	25,95
Não Sabe	1,72	1,47	1,53
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Entrevista estruturada feita com os jovens alunos da escola pesquisada entre novembro e dezembro de 2010.

Apêndice IV - Tabela 04 – Acompanhamento escolar

Pessoa que acompanha a vida escolar do aluno mais de perto	N	%
Minha mãe	194	74,05
Meu pai	34	12,98
Ninguém	9	3,44
Meu irmão ou irmã mais velho(a)	6	2,29
Meu avô ou avó	6	2,29
Meu tio ou tia	4	1,53
Meu padrasto	3	1,15
Minha madrasta	1	0,38
Outro*	5	1,91
Total	262	100,00

* Namorado(a) (2), prima (1), patroa (1), dona da casa com quem mora (1).

Fonte: Entrevista estruturada realizada com os estudantes da Escola Buganvília, novembro e dezembro de 2010.